

# Os Braços da Lancha

José Peixoto

“É preciso ter muita fé em deus para navegar neste barco”, dizia um galego a Manuel Lopes, no portinho de Lá Guardia, onde a Lancha Poveira aportou, numa das muitas viagens à Galiza, efectuadas nos quase 20 anos de navegações.

Tripulante da lancha há 15 anos, Victor Castro nasceu na Póvoa de Varzim, em 1956. Filho de pescadores, o chamamento do mar corria-lhe nas veias, desde menino: “o meu avô, o meu pai e os meus irmãos eram pescadores. Quando andava na escola, levava comigo as tralhas da pesca. Se o professor faltasse eu ia pescar. Antigamente os pescadores emprestavam aparelhos uns aos outros. Muitas vezes fui ao mar com aparelhos de amigos do meu pai”.

Victor Castro abandonou os estudos para se tornar pescador e mais tarde mestre da embarcação. “Com o tempo de vivência no mar começamos a perceber e a ter ideias próprias. A experiência é um mestre por excelência. Comecei por ser mestre no barco do meu pai, com quem aprendi imenso. Depois fui para a Escola de Pesca e tirei os canudos que eram

precisos. Mas no mar aprende-se todos os dias”, concluiu.

Ser tripulante da lancha poveira é uma honra para Victor Castro: “é uma embarcação tradicional que está ligada aos meus avós e todos os poveiros desse tempo. Sempre desejei fazer uma viagem nela. O mestre Agonia convidou-me e gostei tanto que me ofereci para tripulante. A partir daí não me lembro de ter faltado alguma vez. Arranjei sempre uma maneira de adiar ou antecipar o trabalho que tinha para fazer”.

Entre as várias peripécias que se passaram em viagens da lancha, Victor Castro não esquece a história da câmara de vídeo, na Expo98: “como estava bastante vento, fizemos uma travessia do Tejo a voar até à doca, onde estava o Sagres e navios escola de todo o mundo, que iam participar na regata da Expo. Como bons navegadores, com a lancha parada, cambamos a vela. Mas de repente, dá-lhe um repelão de vento e o mastro partiu. O Teixeira estava a filmar a manobra, amarrado à escota de ré, e caiu ao rio com a câmara de vídeo. Atirei-me à água para o socorrer, mas entretanto o Teixeira amarra-se à

lancha e salta para dentro. Recolhemos a vela, a verga e o mastro partido para bordo, mas havia o problema da câmara estragada. Na brincadeira, o mestre Agonia disse que o problema da câmara era estar salgada. Sem pensar, o Teixeira lavou-a num balde de água doce e ainda a estragou mais. Foi uma risota geral”.

Para além do conhecimento que tem de todas as manobras da lancha, Victor Castro assume também a função de cozinheiro de bordo: “nas primeiras viagens levávamos lenha, agora levamos carvão para o assador. Com o vento a soprar, é rápido assar sardinhas, frango ou bacalhau. Nas longas viagens há tempo para tudo, cozinhar, contar anedotas, reviver outras viagens. É preciso não esquecer que já fizemos 14 horas seguidas de navegação. Dentro daquela concha é preciso inventar para entreter o tempo”.

Quanto às duas décadas que a lancha poveira está prestes a comemorar, Victor Castro afirmou: “só chegou até aqui porque existe uma raça de gente mais persistente e que gosta de perpetuar a memória de um povo. A lancha só sobreviverá se



Victor Castro

continuar a navegar. Os velhos partem e os novos precisam de referências da sua terra, dos usos e costumes, para reconhecerem a importância do passa-

do. A Póvoa era conhecida pela pescada poveira, pelo peixe, pelos barcos, pelos pescadores poveiros reconhecidos como valentes lobos-do-mar”.